



As interfaces entre filosofia e educação a partir de Adorno

The interfaces between philosophy and education based on Adorno

José Alessandro Cândido da Silva¹

Resumo: O presente trabalho tem como temática “A educação em Adorno: formação ou semiformação?”. Adorno é um dos grandes expoentes da Escola de Frankfurt, que embora não tenha um tratado sobre a educação, trouxe grandes contribuições em suas obras para essa temática. No diálogo com esse teórico queremos discutir a formação para o esclarecimento pregada pelos iluministas, sobretudo Kant. No entanto, a formação que se instalava não serviu para tornar a sociedade melhor, pelo contrário, levou o homem para um caminho de competição e barbárie, onde a formação humana se tornou produto de mera meritocracia. Essa pesquisa é de cunho bibliográfico e para discutir as ideias apresentadas usamos como aporte teórico os seguintes autores: Horkheimer, Mass, Brandão, Bourdieu e Freire. Esses autores buscaram desvendar quais os entraves existentes na escola e na cultura que impedem a formação humana de cumprir o papel de levar o homem a tomar decisões por si mesmo sem a tutela de outrem. Algumas teorias sociológicas afirmam que, em uma sociedade de classe, as instituições escolares atuam como instrumentos para a manutenção de uma sociedade mais alienada, dependente, indo contra o processo de esclarecimento e autonomia do sujeito. Mas a educação é um instrumento capaz de retirar o homem da semiformação na qual ele se encontra, garantindo-lhe a condição de sujeito autônomo.

Palavras-chave

Formação. Semiformação. Esclarecimento. Escola.

Abstract: The theme of this study is “Education in Adorno: formation or semi-formation?”. Adorno is one of the great exponents of the Frankfurt School, which although he does not have a treatise on education, has made great contributions in his works to this theme. In the dialogue with this theorist, we want to discuss the formation for enlightenment preached by the enlightenment thinkers, especially Kant. However, the formation that was installed did not help to make society better, on the contrary, it took man on a path of competition and barbarism, where human formation became the product of mere meritocracy. This research is bibliographical in nature and to discuss the ideas presented, we used the following authors as theoretical support: Horkheimer, Mass, Brandão, Bourdieu and Freire. These authors sought to unravel which barriers exist in schools and culture that prevent human formation from fulfilling the role of leading men to make decisions for themselves without the supervision of others. Some sociological theories claim that, in a class society, school institutions act as instruments for the maintenance of a more alienated, dependent society, going against the subject's process of clarification and autonomy. But education is an instrument capable of removing men from the semi-education in which they find themselves, guaranteeing them the condition of autonomous subject.

Keywords

Formation. Semi-education. Clarification. School.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Varzeagrandense. Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre. Graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Professor do curso de Licenciatura Indígena, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Acre - Campus Floresta. E-mail: jose.silva@ufac.br

Introdução

O processo educativo não representa, por si só, a garantia da autonomia do sujeito, pois pode não implicar esse ideal. Nos termos adornianos, “a educação não é necessariamente um fator de emancipação” (ADORNO, 2006 p. 11). Com o advento das Revoluções industriais, as sociedades começaram a experimentar uma nova maneira de organização, pois o ser humano começa a mudar sua forma de relacionamento com os outros, em grande medida com os auspícios da tecnologia. Esse processo teve berço durante o século XVIII, com o movimento iluminista, que se apoia na crença das capacidades redentoras da razão, que passa a comandar os processos de investigação e de explicação da realidade, com a meta de promover garantias de felicidade e liberdade dos seres humanos.

Dessa maneira, vai se solidificando o sonho de uma nova época, uma época de esclarecimento onde o homem pode alcançar a felicidade e promover uma experiência de convívio social mais humanizado e harmônico, onde o sujeito possa entender suas contradições e evoluções. Trata-se do esclarecimento premunido por Kant. No entanto, as promessas iluministas não se cumpriram segundo a perspectiva iluminista. A sociedade tornou-se mais esclarecida, teve mais informações, mas usou esses elementos para impor-se contra a individualidade de homem. Assim se produziram atos bárbaros e violentos, de modo que a sociedade feliz foi apenas uma utopia que ainda não se tornou realidade.

Um diagnóstico do fracasso da razão iluminista encontra-se presente na filosofia contemporânea, especialmente na tradição crítica da Escola de Frankfurt. Theodor Adorno, por exemplo, desenvolve elementos que questionam o papel da educação no processo de esclarecimento. A razão, corrompida em instância experimental, desvia-se de sua missão de levar o homem e “construção de consciências verdadeiras” (ADORNO, 2006, p.141), instalando-se como ferramenta de apoio à dominação da natureza. Por isso, este estudo busca compreender as interfaces entre Filosofia e Educação a partir do pensamento de Adorno. A questão norteadora do estudo é responder se a educação transmitida hoje é formação ou se enquadra no processo de semiformação explicado por Adorno. Para tanto, usaremos como ponto de referência as reflexões produzidas a partir de categorias como cultura, indústria cultural, esclarecimento, as quais estão diretamente ligadas ao processo formativo educacional dos indivíduos.

Potencial emancipatório da educação na perspectiva de Theodor Adorno

Dentre os vários trabalhos de Adorno destacamos um em especial: *Educação e Emancipação* (1995), onde se reúne um amplo debate sobre os fins e objetivos da educação, e que serviram como elementos norteadores dessa discussão. Trata-se de uma compilação de entrevistas e conferências ministradas por Theodor Adorno, em seu retorno à Alemanha, depois de longo exílio nos Estados Unidos. Estas discussões,

empreendidas na última década de vida do filósofo frankfurtiano, apresentam reflexões acerca da educação de sua época, mas que ainda se mostram pertinentes para os dias de hoje, na medida em que expõem as contradições existentes na sociedade capitalista cuja educação volta-se para a formação de mão-de-obra, colocando os sujeitos num clima de competição, distanciando-os, assim, de uma educação transformadora e reflexiva.

Os ideais do Iluminismo não se concretizaram no lastro do progresso técnico posterior, mas, ao contrário, produziu uma sociedade mais sobrepujada pela cultura, pelos meios de comunicação e pelos ideais da sociedade neoliberal. É nesse contexto que teóricos frankfurtianos como Theodor Adorno, oferecem-nos uma nova forma de analisar as relações de dominação existentes, permitindo verificar porque as pessoas contribuem de maneira inconsciente nesse processo, quando a lógica da cultura massa como norteador de suas vidas.

Adorno advoga que o caminho a ser traçado pela sociedade em busca de uma nova mentalidade passa, necessariamente, pela educação, pela qual o homem pode se tornar consciente e capaz de mudar, organizar a sociedade e tirar, de uma vez por todas, a ameaça de outras barbáries eminentes. Aliás, já na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno, em parceria com Horkheimer, argumenta que o “esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 17). Essa dominação da natureza era uma questão presente no dia a dia e nas epistemologias filosóficas. Dessa maneira, a ciência caminhou para avanços tecnológicos significativos, promovendo processos evolutivos que se operavam a cada dia, construindo novas ferramentas de produção econômica e cultural. Esses aspectos eram vistos como marca dessa nova sociedade, mas a controvérsia é que a razão cogitou acerca de tudo, menos sobre ela mesma. Essas ferramentas não passavam de meio de desapropriação do esclarecimento, ou seja, o indivíduo se tornou escravo de sua própria construção, a ponto de não perceber que, dessa forma, sofria um esvaziamento de sua individualidade e subjetividade, que foram sendo modeladas pela cultura e pela imposição dos coletivos.

A grande indagação de Theodor Adorno em seus escritos sobre educação é sobre as possibilidades de uma educação emancipatória capaz de reverter o esvaziamento do pensamento crítico. Adorno, como muitos outros colaboradores da Teoria Crítica, acreditava que a educação era um caminho capaz de transformar a humanidade, Em seu trote em direção à barbárie cada vez mais eminente, em razão das irracionalidades operantes. Para o autor, a educação vigente em seu tempo, enquanto retransmissora da racionalidade instrumental, promovia a adesão cega à realidade, aceitando as imposições da esfera cultural como sendo algo natural. Diante desse quadro a saída seria uma formação crítica, que permeasse o âmbito escolar e que fosse capaz de atingir outras esferas sociais.

Quando o sujeito não consegue se inserir num processo formativo crítico torna-se reflexo de um sistema de espoliação definido pela sociedade e mantido pela cultura como nos apresenta Adorno:

A formação que por fim conduziria a autonomia dos homens precisa levar em conta as condições em que se encontram subordinadas a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza [...] As relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também interagem no plano da “subjetividade”, onde originam relações de dominação.²

Na *Dialética do Esclarecimento* (1985) Adorno e Horkheimer demonstram como a subjetividade é constantemente ameaçada pela semiformação, imposta pela indústria cultural que aliena e escraviza psicologicamente o sujeito, negando à humanidade condições de autonomia e liberdade.

É inegável que o caminho seguido pela educação moderna não visa, de modo algum, a formação humana na sua integralidade, mas uma sociedade alicerçada na produção e no consumo. Verifica-se isso em nas escolas, quando o aluno que melhor se adequa à proposta neoliberal, ou seja, de reprodução, é visto como um protótipo universal. A formação no sistema econômico neoliberal é visa atender de uma necessidade político-econômica e não converge para ser mecanismo de esclarecimento. Por outro lado, o campo cultural, que poderia ser uma esfera de resistência aos parâmetros formativos das instituições oficiais, não só não cumpre esse papel, como ainda contribui para propagar as necessidades sociais, através do consumo, e não faz isso de maneira isolada, pois os meios de comunicação funcionam como um instrumento de formação de necessidades a serem atendidas pela esfera econômica. Sobre a dominação da indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1985) assim se referem: “A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p 108).

A grande questão é que toda essa realidade acaba influenciando diretamente o campo educacional e a formação para a autonomia do sujeito torna-se secundária. A escola acaba não freando essas influências, pelo contrário, infunde ainda mais os valores culturais criados pelas classes dominantes. Assim, gera ainda mais desigualdade entre os sujeitos que a ela acessam, vendo-a por vezes como uma continuidade da família. Nesse sentido a educação não é pensada a partir da escola, mas de uma classe que dominante que enxerga a produção cultural como mercadoria. Parafraseando Bourdieu (2001) para as crianças das classes mais pobres a escola representa uma interferência nas práticas e saberes que estes trazem de suas famílias e impõe o que muitos vão chamar de “cultura nova”. Quando isso ocorre Bourdieu chama de violência simbólica, pois desconsiderar o que o aluno traz para sala de aula é negar a própria história desses sujeitos. E assim, os alunos das classes dominantes que já vivenciam o que se passa nas escolas, têm mais

² Adorno, 2006. P. 19.

facilidade, pois não precisam se desprender de seus costumes e formas de pensar. Bourdieu conclui:

O sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força.³

O fato de a escola exercer a violência simbólica sobre os alunos implica em que estes se enquadrem numa doutrinação que garante a manutenção da ordem social vigente, onde uns pensam e outros executam. Observa-se, a partir de Bourdieu, que o sistema educacional está uniformemente enquadrado nesse sistema de perpetuação de um grupo hegemônico sobre o outro, e através de ideologias, vão inculcando essa visão como verdadeira e absoluta. Ao invés de proporcionar uma educação que desperte o espírito crítico do sujeito, o sistema leva a reprodução das desigualdades.

Desse modo, é notável que a indústria cultural interfere também na formação educacional dos discentes. Por isso é preciso que os docentes, com a carga teórica adquirida no decorrer de sua formação, possam criar mecanismos capazes de desenvolver o senso crítico dos discentes. Desenvolver o senso crítico é possibilitar profundas transformações na vida desses sujeitos, desde a família até o trabalho. É preciso que os docentes estejam atentos aos anseios e curiosidades dos alunos para não colocá-los numa situação de semiformação, como tem ocorrido com frequência. Adorno, definindo o papel da educação, assim se pronuncia:

A educação não é uma simples modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimento, cuja as característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a construção de uma consciência verdadeira.⁴

A construção de uma consciência verdadeira é o que menos as escolas têm feito, pois esta é parte das histórias e experiências que os alunos trazem para dentro das salas de aulas, pois a “formação” está voltada para a formação de mão-de-obra, com vistas a formar pessoas que alimentem, com seu trabalho, a estrutura social exploratória. Resta ao indivíduo, diante da realidade apresentada, um movimento constante de adaptação a sociedade, sua estrutura e sua ideologia educacional. No entanto, a escola não deve fechar os olhos e permitir a perda da individualidade do sujeito, deixando-o imerso num sistema uniformizador. Para Adorno, a educação deve cumprir papel emancipatório, entendendo este conceito nos seguintes termos:

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação [...] a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo.⁵

³ Bourdieu, 2001, p. 311.

⁴ Adorno, 1995, p. 141.

⁵ Adorno, 2006, p.143.

É a partir do processo dialético, impresso em uma práxis pedagógica efetivada por agentes críticos, que a escola que deve trabalhar para superar a ambiguidade e sair do modelo de semiformação, com o desenvolvimento de um processo educativo que promova a conscientização e a construção da subjetividade do sujeito. E por que isso é fundamental? Mesmo a educação sendo importante para o processo de esclarecimento e conscientização do sujeito, ela sofre muitas influências do sistema neoliberal, sobretudo, quando a formação volta-se para a formação de mão-de-obra. Nesse processo o indivíduo acaba perdendo sua subjetividade, identificando-se à estrutura social vigente. Assim, cabe às instituições educacionais e aos docentes trabalharem para superar essa dicotomia existente no ambiente educacional, de modo que a educação seja direcionada para “a produção de consciência verdadeira” (ADORNO, 2006, p. 141).

É preciso ainda ressaltar que o esclarecimento, nos termos kantianos, é um processo que culmina numa autonomia do sujeito frente as suas responsabilidades e compromissos, é uma ascensão à maioridade. Nesse processo de esclarecimento (maioridade), o sujeito não é mais escravo da ignorância, mas sim, livre para pensar por si mesmo, melhor ainda, constrói sua forma de pensar e agir.

Nesse viés traçamos uma aproximação entre o pensamento freireano e Adorno, apontando o quanto a prática educativa é essencial no processo formativo. Paulo Freire (1987) criticou o posicionamento inerte da escola, quando ela não consegue levar o indivíduo a fazer uma leitura de mundo, elemento essencial para a formação humana, para a formação crítica. Nesse sentido, há uma alienação do sujeito em relação às necessidades subjetivas e sociais que são dependentes da escola e este precisa se submeter às suas exigências, não se reconhecendo como ser que tem autonomia para apresentar seus objetivos ou reconhecer sua realidade.

A escola, em seu processo histórico, sempre exerceu um papel importante na formação humana, pois possibilitou e continua possibilitando momentos de interações que dão aos alunos a possibilidade de conhecerem outras ideias. Por isso, o conhecimento que cada um traz dentro de si torna-se fundamental para a construção de novos saberes, e essa interação é essencial para que haja educação como fruto de um amadurecimento interno através das experiências que realiza-se na escola ou fora dela.

Para Adorno (1995) é necessário que a práxis educativa dos educadores e educadoras supere o espírito de competitividade individualista e egoísta da sociedade capitalista, a fim de que possa se converter em instrumento de ação política e social livre. Essa deve ser a função da escola: uma formação que dê a possibilidade do indivíduo desenvolver suas potencialidades através da efetivação de suas práticas sociais. Mas para isso é preciso que se crie uma cultura de consciências verdadeiras e a escola atue, desde a formação básica, para perseguir esses objetivos.

Para Freire (1980, p.20) “a educação deve preparar, ao mesmo tempo, para o juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio

caminho”. Essa, também, é a proposta de Adorno para a formação humana: que a educação tenha a força necessária para formar seres críticos e conscientes de sua função no meio em que estão inseridos.

No capitalismo tardio, o homem tornou-se um capital e o estado neoliberal olha para ele e vê a possibilidade de gerar mais capital, caso contrário seria um fardo. Quando isso ocorre, a barbárie se perpetua de maneira inconsciente e a educação fica cada vez mais mecânica e vazia, pois não se liga à realidade dos indivíduos. Dessa forma, a educação não consegue preparar o sujeito para o futuro, nem tampouco, para evitar a barbárie. Pelo contrário, o deixa cada vez mais pré-disposto ao cumprimento de determinações.

É no chão da escola que se consegue entender as potencialidades existentes nos sujeitos que ali estão, com seus anseios e frustrações. Com isso, nos questionamos: como melhorar o desempenho em sala de aula? Como trabalhar a formação do aluno sem desconsiderar sua realidade? Esses questionamentos são frequentes e nos mostram que não há uma receita pronta para ensinar, nem tampouco aprendemos isso da noite para o dia. Por isso, é preciso considerar vários aspectos, entre eles a relação professor-aluno-sociedade, para começarmos a entender como esse processo vai se construindo. A prática docente em muitos casos é usada para confirmar a estrutura capitalista que sem pensar no contexto humano, joga o indivíduo no campo da exploração.

Freire (2008) estava inserido em um contexto em que a sociedade urgia por mudanças políticas, sociais e educacionais. Para o autor, cada indivíduo tem uma visão de mundo que deve ser respeitada e aproveitada. Porém esta mesma visão é limitada, muitas vezes, no contexto cultural, estagnando, assim, um pensamento que poderia ser crítico em relação ao mundo. Daí a importância da educação libertadora que desperta o homem para sua realidade cultural, política e, por que não dizer, educacional. Para se alcançar essa pedagogia libertadora é necessário que o ser humano reconheça sua opressão, despertando a consciência de mudanças.

Esse processo de reconhecimento passa pela alfabetização, pela tomada de consciência do sujeito como fez Freire (1981) em Angicos, com os trabalhadores rurais, mostrando que os professores podem despertar o aluno para a conscientização de sua própria realidade, aprofundando assim, sua leitura de mundo. Essa leitura de mundo permite uma dialogicidade, que promove abertura para entender a leitura de mundo de outrem. Esse entrelaçamento de leituras de mundo gera novos conhecimentos, desvela o que está oculto: a alienação.

Esta é uma nova postura de ensino que Freire (1981) enfatizou em suas obras. A educação bancária não era suficiente para libertar o indivíduo das amarras sociais, pelo contrário, era um instrumento de alienação, no qual o sujeito não tinha condições de se reconhecer como oprimido. Tudo que era transmitido era aceito sem reflexão, pois esta era uma possibilidade que a educação bancária não gerava. Contudo, os ideais freireano

nos mostram que a Pedagogia do Oprimido é uma pedagogia do homem, que permeia a visão humanitária e se aconchega no humanismo, levando em consideração que não basta somente reconhecer o homem como um ser que deve ser respeitado, mas enxergar que este pode ir além, ajudando a transformar sua realidade e o mundo. Essa visão freireana vai ao encontro da visão de Adorno acerca da formação, sobretudo, porque esta, pensada pelos autores em questão, dá ao sujeito uma consciência de entender a realidade e tudo que é essencial para a construção do sujeito. Dessa forma, vamos evitar uma educação que vise o estímulo à individualidade e a competição, esclarecendo aos alunos que o espírito de competidores retira a humanização e percepção otimista daqueles que ainda veem na educação uma saída de uma exploração neoliberal.

Considerações finais

Segundo Adorno (2006) para que a educação seja vista como instrumento de esclarecimento é preciso, primeiramente, entendermos o processo educativo como um conjunto de fatores que leva o sujeito a encontrar sua subjetividade dentro do coletivo, sem sacrifícios físicos e estruturais. Reiteramos aqui, que o objetivo de Adorno não é negar o contexto histórico-social no qual o sujeito está imerso, mas mostrar que é nesse contexto que a sociedade está chegando ao ápice de um esvaziamento crítico da razão “se tornando cada vez mais formalizada e institucionalizada para fins específicos” (ADORNO e HORKHEIMER, 2013, p. 27), ou seja, organizada como aparelho de sustentação de um sistema de dominação capitalista.

A realidade vivenciada, hoje, é um convite à situação de barbárie, pois a reflexão tornou-se secundária, ou até mesmo, desnecessária. Exemplo claro dessa realidade são as políticas educacionais mal estabelecidas e a maneira como muitas instituições trabalham na formação dos indivíduos. A prática docente deve direcionar o indivíduo noutra direção, rumo a uma formação que salvasse a integralidade do sujeito e sua forma de pensar e ver o mundo e transformá-lo com suas ações, produzindo condições para sua existência crítica e de seus pares.

Por fim, essa reflexão aponta para elementos que relacionam logicamente a Filosofia a partir de Adorno com os processos formativos presentes na educação em nosso tempo, que resulta em uma semiformação generalizada, que, ao invés de tornar o homem autônomo, coloca-o numa situação de dependência, que tira a subjetividade, alinhando-se a massa, que não pensa por si mesma.

Em muitos casos a educação é utilizada para subsidiar aqueles que estão no poder. Quando isso acontece surgem com mais força as competições dentro das escolas, fazendo com que as crianças vejam as outras como competidoras. Esses ideais vão contra a formação humana que é o projeto pensado pelos autores discutidos no trabalho. É importante ressaltar, também, que tornamos a cultura mercadoria, e isso ajudou na ratificação da razão técnica em detrimento da razão cognitiva. Não sabemos se

determinada produção traz ou não elementos positivos para a construção da formação humana. Segundo Adorno essa postura nos leva cada vez mais à semiformação. Desbarbarizar se tornou a grande tarefa da educação desse início do século XXI.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 4 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- _____, Theodor W. Teoria da semicultura. **Educação e Sociedade**, ano 17, n. 56, p. 24-56, set./dez. 1996.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1970.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura. In: _____. **Escritos de Educação**. 9ª Ed. – Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- Educação e Sociedade**: Revista de Ciência da educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade – Vol. 1, n. 1, São Paulo: Cortez; CEDES, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários para a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. 7 Ed. São Paulo: Centauro Editora, 2013.
- KANT, Emmanuel. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? In: **Textos seletos**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MASS, Olmaro Paulo. **Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento uma leitura da Dialética do Esclarecimento de T. W. Adorno e M. Horkheimer**. 1 ed. Passo Fundo: IFEBE, 2013.
- PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; OLIVEIRA, Newton Ramos de (ORG.). **A educação danificada**. São Paulo: Editora Vozes, 1998.
- ROCHA, Cleidison de Jesus. **A educação emancipatória na perspectiva da dialética negativa de T. W. Adorno**. Orientador: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: UGF – Rio, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia, 2005.